

Arqueologia Medieval ▼



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



PP 2
PP
ARQ

S U M Á R I O

5	Problemáticas e novos contributos em torno da cerâmica	Grupo CIGA – Gupo de trabalho cerâmica islâmica do Gharb Al-Ándalus
7	Cerâmicas Islâmicas da Marca Inferior em território português	Helena Catarino e Constança Guimarães dos Santos
15	Cerâmicas altomedievais do Castelo de Trancoso – uma primeira abordagem	Maria do Céu Ferreira, João Carlos Lobão e Helena Catarino
33	A cerâmica de Qundâyixa: dados para uma reapreciação cronológica	Adriaan De Man
41	Trabalhos Arqueológicos no Projecto de Recuperação do Paço da Ega (2007-2009)	Ana Lima Revez
59	Em torno da cerâmica pintada a branco. Uma proposta de diacronia pós-islâmica na Santarém medieval	Helena Santos e Marco Liberato
71	A cerâmica islâmica nas regiões de Lisboa e Setúbal	Jacinta Bugalhão e Isabel Cristina Fernandes
91	A cerâmica verde e manganés do Castelo de Sintra	Catarina Coelho
109	A cerâmica islâmica no Alentejo	Susana Gómez-Martínez, Mathieu Grangé e Gonçalo Lopes
121	Cerâmicas islâmicas do castelo de Montemor-o-Novo	Manuela Pereira
129	Cerâmicas islâmicas de Almonaster la Real y Aracena (Huelva)	E. Romero Bomba, T. Rivera Jiménez e J. A. Pérez Macias
145	A cerâmica islâmica do Algarve	Helena Catarino, Isabel Inácio, Maria José Gonçalves, Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro
163	O Barlavento Algarvio	Maria José Gonçalves
169	Formas de cerâmica almóada provenientes do Convento da Graça (Tavira)	Tânia Dinis, Jaquelina Covaneiro e Sandra Cavaco
179	Cerâmica almóada proveniente de uma habitação no arrabalde de Silves. Contributo para o conhecimento da cultura material almóada	Inês Simão
185	A importância dos objectos para a leitura do passado. A chamada Mão de Fátima na cerâmica do Al-Andalus. O olhar do antropólogo	Luís Maçarico
193	Estéticas em trânsito: a partilha do ornamento da cerâmica do Gharb al-Andalus com outros artefactos	Franklin Pereira
203	A sepultura medieval do Alto da Quintinha (Mangualde)	Pedro Pina Nóbrega, Filipa Neto e Catarina Tente
211	A economia alimentar dos muçulmanos e dos cristãos do Castelo de Palmela: um contributo	João Luís Cardoso e Isabel Cristina F. Fernandes
245	Análise arqueológica e antropológica da necrópole islâmica de Beja	Miguel Serra
247	Les Mozarabes du Garb al-Andalus. Du IXe au XIIe siècle	Jean-Pierre Molénat
257	L'architecture funéraire de Fès. Etude préliminaire d'une rawda anonyme	Bulle Tuil
271	A reconstrução do claustro medieval do Mosteiro de Santa Maria de Celas, em Coimbra	Francisco Teixeira
279	Uma leitura do painel «Santiago aos Mouros» do Museu de Arte Sacra de Mértola: a equitação medieval e os artefactos da guerra a cavalo	Franklin Pereira
293	Para un estudio sobre el modo de vida rural de la comunidad aldeana de Mértola	Agustín Ortega Esquina

Director: Cláudio Torres • **Coordenadores:** Santiago Macias, Susana Gómez Martínez • **Conselho Científico:** António Borges Coelho, Cláudio Torres, José Luís de Matos, José Mattoso, Manuel Luís Real • **Conselho de Redacção:** Abdallah Khawli, Artur Goulart, Carlos Manuel Pedro, Fernando Branco Correia, João Carlos Garcia, Joaquim Manuel Boiça, José Carlos Oliveira, Manuel Passinhas da Palma, Maria de Fátima Barros, Miguel Rego, Rui Mateus, Susana Gómez Martínez, Virgílio Lopes • **Apoio:** Câmara Municipal de Mértola, Centro de Estudos das Universidades de Coimbra e Porto e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



Capa e Design Gráfico: Gil Maia
Fotografia da capa: António Cunha
Fotografia da contracapa: Susana Gómez
ISSN: 0872-2250-12
N.º de edição: 1340
Depósito legal: 66923/93

Edição: Edições Afrontamento, Lda. – Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto – Portugal
Telefone: 351 22 5074220 – **Fax:** 351 22 5074229

e-mail: geral@edicoesafrontamento.pt

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. – Santa Maria da Feira

e-mail: geral@rainhoeneves.pt

Data da publicação: Outubro de 2012

ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DA NECRÓPOLE ISLÂMICA DE BEJA

MIGUEL SERRA*

RESUMO

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico efectuados pela empresa Palimpsesto, Lda. no projecto de remodelação da rede pública de água de Beja, entre 2006 e 2007, levaram à detecção de enterramentos islâmicos em diversas artérias da cidade. Estes novos elementos permitiram redefinir a localização proposta para uma das necrópoles islâmicas de Beja.

Foram identificados 19 enterramentos em 3 núcleos distribuídos ao longo de 225 metros de extensão compreendidos entre a Rua de Mértola e a Rua Gomes Palma.

O ritual funerário, associado à obtenção de uma datação por radiocarbono permite-nos situar a ocupação desta necrópole entre o século X e os inícios do século XI, época para a qual existem escassos vestígios arqueológicos em Beja.

A vasta área de dispersão dos enterramentos detectados revela a presença de uma necrópole de grandes dimensões, coincidente com o estatuto de Beja durante os primeiros séculos do processo de islamização e constitui uma fonte importante de informações para traçar a morfologia urbana da Beja islâmica.

A análise antropológica laboratorial facultou um conjunto de dados sobre o perfil biológico destes indivíduos, assumindo-se como mais um contributo para o conhecimento da paleobiologia das populações durante o período islâmico.

1. INTRODUÇÃO

Entre Outubro de 2006 e Março de 2007 teve lugar um projecto de remodelação do abastecimento à rede pública de água¹ na parte Sul da cidade, entre a Rua Conde da Boavista, no limite Sul do centro histórico e a Rua Rainha Dona Amélia, já exterior ao núcleo primitivo (Fig. 1).

Estes trabalhos consistiam na abertura de valas ao longo de diversas ruas (às já referidas há que acrescentar a Rua das Portas de Mértola, Rua de Mértola, Terreiro dos Valentes, Rua Gomes Palma e Rua Frei Amador Arrais) para remoção das infra-estruturas existentes.

O facto da zona a intervir se situar dentro dos limites das áreas de protecção de diversos monumentos e a natureza da própria obra, com afectação directa do subsolo, levaram o IGESPAR, IP a condicionar a execução dos trabalhos ao acompanhamento arqueológico, assegurado pela empresa Palimpsesto, Lda., sob direcção científica do signatário.

* Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda., miguelserra@palimpsesto.pt.

A escassez de trabalhos arqueológicos nesta área conduzia a uma situação de ausência de informações sobre eventuais afectações de património. O facto de grande parte do traçado de valas a executar se situar em zona exterior às muralhas medievais contribuía para um menor interesse sobre esta periferia, na qual apenas se conheciam alguns trabalhos de arqueologia preventiva de onde não se extraíram dados relevantes (Serra, 2005; Serra *et al.*, 2007: 701).

O elemento mais saliente relacionava-se com a hipotética localização do almocávar compreendido entre o Largo dos Duques de Beja e as Portas de Mértola (Torres e Macias, 1998: 146 e 149), proposta esta baseada no achado de diversas lápides, que se supunha não estarem muito deslocadas do seu lugar de origem (Macias, 2005a: 140). Esta hipótese seria no entanto gradualmente redefinida uma vez que a realização de trabalhos arqueológicos na Rua do Sembrano (Correia, 1994) permitiram a descoberta de contextos domésticos com ocupação até aos séculos XI-XII, levando Santiago Macias a propor que *«Se a ideia da localização da maqbara na zona sudeste continua a fazer sentido – a proximidade em relação ao sítio onde as lápides surgiram continua a ser um dado a ter em conta – o seu ponto preciso de implantação deveria situar-se um pouco mais para este do sítio inicialmente proposto»* (Macias, 2005a: 141).

Esta localização alternativa viria a confirmar-se em parte no decurso dos trabalhos de acompanhamento deste projecto, com a detecção dos enterramentos na Rua de Mértola e Rua Gomes Palma.

Para além destes elementos reportáveis ao período islâmico, foram ainda detectados outros de época romana nos mesmos espaços ocupados pela necrópole, situação aliás expectável, tal como sucede noutros locais onde se verifica esta sobreposição de elementos (Tor-

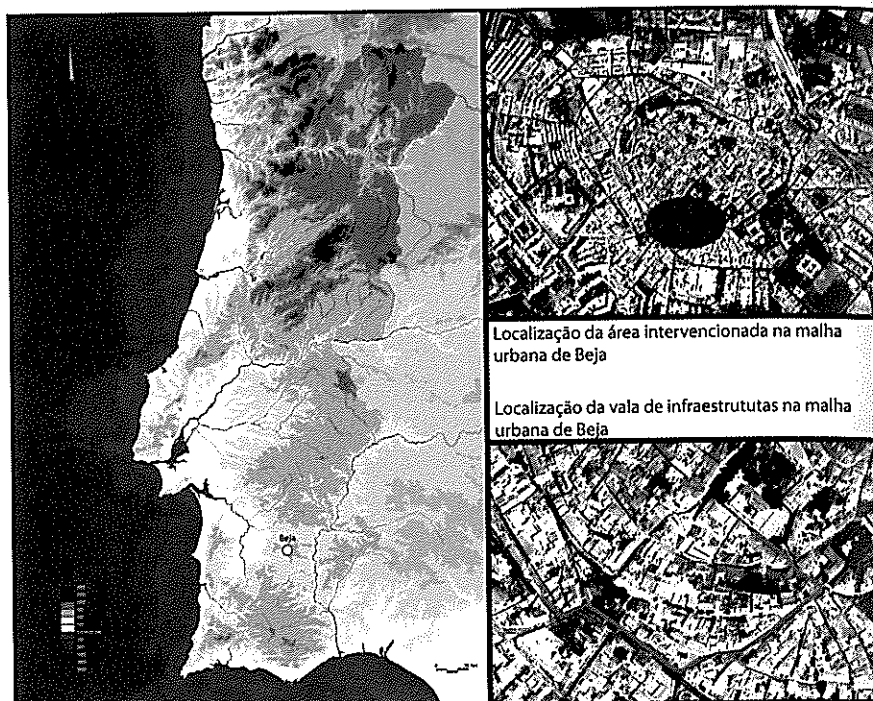


Figura 1 – Localização da área intervencionada.

res e Macias, 1998: 35), reforçada pela descoberta de uma sepultura do século III junto a um dos núcleos com enterramentos islâmicos (Serra, 2009: 649). Ao longo dos trabalhos foram ainda intervencionados outros vestígios que confirmam que esta zona, apesar de periférica, revela uma forte dinâmica de ocupação desde o período romano até ao século XVIII (Serra, 2010).

2. INTERVENÇÃO

Os locais que permitiram a detecção de enterramentos atribuíveis ao período islâmico situam-se em arruamentos inseridos em plena malha urbana, numa zona situada no exterior do centro histórico, mais precisamente na Rua de Mértola e na Rua Gomes Palma (Fig. 2).

O primeiro núcleo detectado localiza-se na Rua de Mértola, numa zona de circulação pedonal, onde foi possível proceder à exumação de 7 indivíduos na sondagem 1.

Com a continuação dos trabalhos de abertura de vala ao longo desta rua no sentido Nordeste – Sudoeste, foi detectado outro núcleo a cerca de 135 metros do primeiro, localizado em área de circulação viária e na qual foi possível detectar 3 indivíduos, dos quais apenas 2 puderam ser escavados na sondagem 2.

O último conjunto observado localiza-se na Rua Gomes Palma, a cerca de 90 metros para Noroeste do segundo núcleo e era constituído por 9 indivíduos, distri-

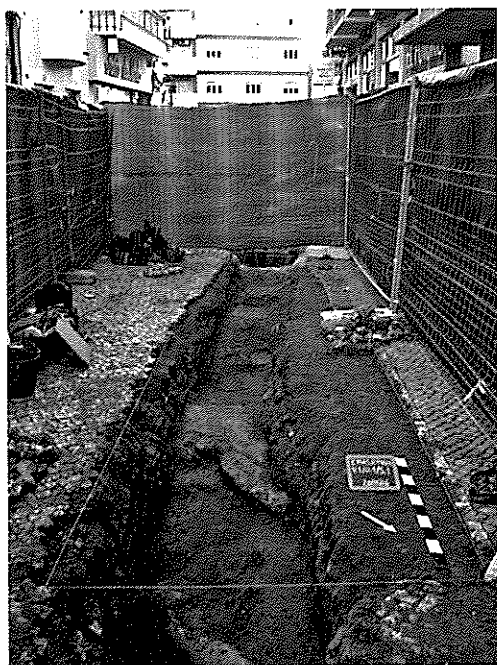


Figura 3 – Rua de Mértola. Sondagem 1. Enterramentos 1 a 7.



Figura 4 – Rua de Mértola. Sondagem 1. Enterramento 1.

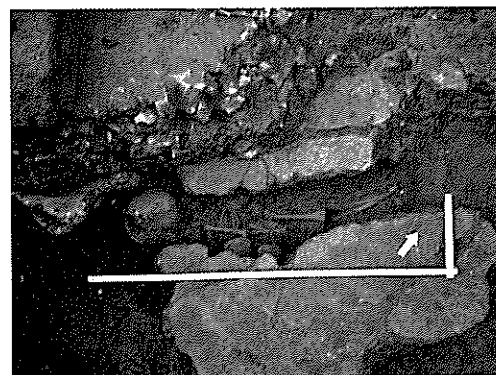


Figura 5 – Rua de Mértola. Sondagem 1. Enterramento 7.

constituintes: sepulturas, esqueletos, unidades e relações estratigráficas, processos tafonómicos, etc. (Neves *et al.*, no prelo).

Os métodos específicos da intervenção antropológica basearam-se nos procedimentos enunciados pelos precursores da *Anthropologie du Terrain* (Crubézy, 2000).

Após a delimitação dos enterramentos, estes foram registados fotograficamente sendo atribuída uma identificação numérica individual. De seguida, foram decapados os vestígios de enterramentos conservando as peças ósseas *in situ*, sempre que possível, até ao levantamento final do esqueleto. Fotografou-se cada enterramento e, em pormenor, casos particulares de lesões. Após o preenchimento da ficha de antropologia de campo efectuou-se o levantamento antropológico individualizado de todas as peças osteológicas, descrevendo-as (tipo de osso, lateralidade, estado de conservação, lesões) e embalando-as separadamente. Sempre que o material o permitiu foram registados os dados relativos à diagnose sexual e determinação da idade à morte, assim como medidas osteométricas (Ferreira, 2006; 2007a; 2007b; 2007c).

2.3. Rua de Mértola

A abertura de valas na Rua de Mértola permitiu a identificação do primeiro indivíduo (Ent. 1) a uma cota muito superficial, localizado sob os níveis de preparação do actual piso de circulação e parcialmente destruído por uma caleira provavelmente de época moderna ou inícios do período contemporâneo.

Os trabalhos mecânicos prosseguiram com redobrado cuidado, o que possibilitou a identificação de alguns ossos dispersos por uma área com cerca de 7,5 metros de comprimento, que viria a originar a marcação da sondagem 1.

Após os trabalhos de limpeza superficial observou-se a existência de mais três sepulturas cortadas por valas de canalizações (Ent. 2, 3 e 5) com os respectivos esqueletos muito incompletos e outras três sepulturas (Ent. 4, 6 e 7) que haviam sido abertas num piso em *opus signinum* de cronologia romana (Fig. 3).

Esta sondagem revelava uma grande concentração de infra-estruturas variadas que causaram sérias perturbações na estratigrafia e motivaram a destruição parcial de vários indivíduos.

O Enterramento 1 (Fig. 4) foi afectado em momentos distintos, primeiro com a construção de uma estrutura abobadada de grandes dimensões, que poderá corresponder a uma conduta de saneamento de inícios do século XX ou fins do século XIX, e mais recentemente pela abertura de uma vala para colocação de uma manilha de saneamento. Também a actual calçada o afectou, perturbando o sedimento que o cobria. A estrutura abobadada afectou o membro superior esquerdo, parte do torác e da bacia do esqueleto, levando à perda de vários ossos. A abertura da vala para a manilha provocou a destruição dos pés e da articulação do joelho direito. O Enterramento 2 foi cortado ao meio por uma vala para a instalação de tubagens, que também foi a causa da destruição do Enterramento 5 e de parte do Enterramento 3

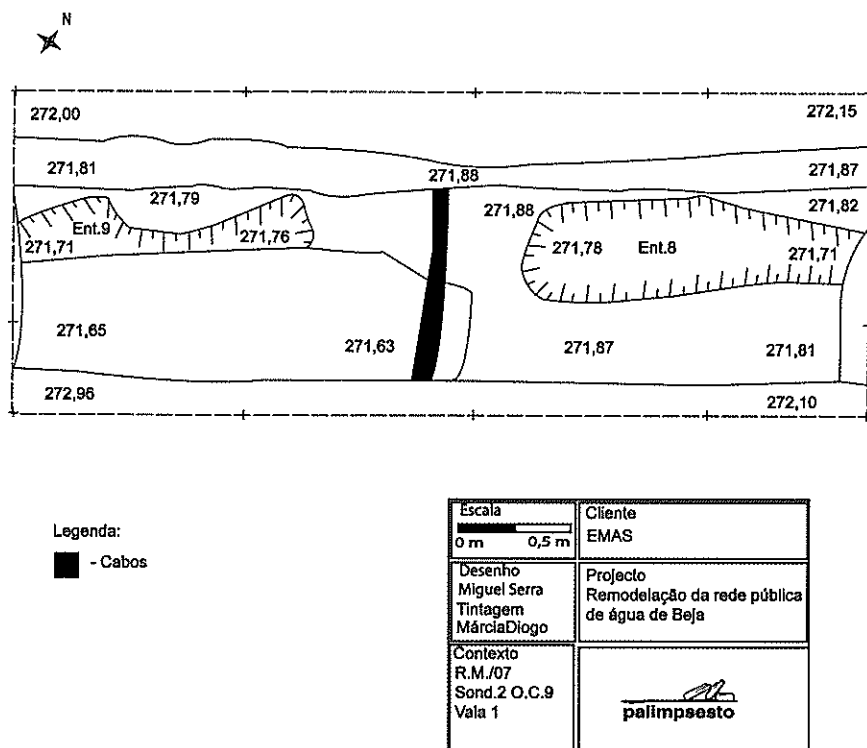


Figura 6 – Rua de Mértola. Sondagem 2. Enterramentos 8 e 9.

(membros inferiores). A preservação dos esqueletos dos Enterramentos 4 e 6 foi prejudicada pela mesma vala que perturbou o Enterramento 1. O Enterramento 6 teve uma afectação reduzida, mas o Enterramento 4 mostrava os membros inferiores completamente destruídos. O Enterramento 7 (Fig. 5) encontrava-se em boas condições de preservação (Ferreira, 2006: 7).

As sepulturas detectadas foram abertas através do corte num piso em *opus signinum* pré existente. Apenas o Enterramento 3 não é seguramente relacionado com este piso, não sendo possível determinar o tipo de sepultura onde foi inumado, devido ao elevado grau de destruição da área circundante.

Todas as inumações são individuais, não se registando sobreposições de enterramentos nas várias sepulturas e não se observando qualquer espólio.

Os indivíduos foram depositos em decúbito lateral direito, com o crânio sobre a face direita, virada a sudeste, com as pernas ligeiramente flectidas e as mãos na zona púbica. A disposição das peças ósseas sugere que a decomposição ocorreu em espaço fechado, ou seja, os indivíduos foram inumados envoltos num sudário, tendo sido cobertos com sedimentos (Ferreira, 2006: 8).

Esta sondagem revela uma elevada concentração dos enterramentos, o que constitui um forte indicador da sua continuidade no espaço envolvente, o que não é passível de confirmação numa intervenção desta natureza que condiciona a escavação dos vestígios aos limites da vala.

No extremo Oeste da Rua de Mértola foram detectados mais dois indivíduos exi-

bindo características semelhantes aos intervenções na sondagem 1.

Ao longo de cerca de 135 metros de vala entre estes dois pontos não se detectaram quaisquer ocorrências relacionadas com a necrópole, apesar de surgirem amiúde vestígios de outras épocas (Serra, 2010: 1359).

Neste segundo núcleo surgiram dois enterramentos em que o material osteológico se apresentava bastante completo, mas num elevado estado de fragmentação, mais uma vez devido à cota muito superficial a que se encontravam.

Implantou-se a sondagem 2, que cobria a área entre os dois enterramentos (Ent. 8 e 9) com cerca de 3,5 de comprimento (Fig. 6).

O Enterramento 8 foi detectado durante a abertura da vala que provocou o corte na zona dos tornozelos, conduzindo à perda dos ossos dos pés (Fig. 7). Durante as limpezas para determinar os limites da respectiva sepultura e para verificar a ocorrência de outros enterramentos na sua proximidade, detectou-se o Enterramento 9, que apresentava alguma afectação provocada pela abertura de uma vala para colocação de cabos eléctricos.

A calçada causou também grandes danos nos enterramentos, não só porque suprimiu parte dos enchimentos das sepulturas, como também porque provocou a compactação dos sedimentos e a fractura de diversas peças



Figura 7 – Rua de Mértola. Sondagem 2. Enterramento 8.

ósseas. Além disso, houve intrusão das pedras da calçada no enchimento, ficando por vezes os ossos misturados directamente com estas, mais uma vez provocando a sua fragmentação (Ferreira, 2007a: 6, 7).

A perturbação dos níveis estratigráficos nesta zona dificultou a leitura das característi-

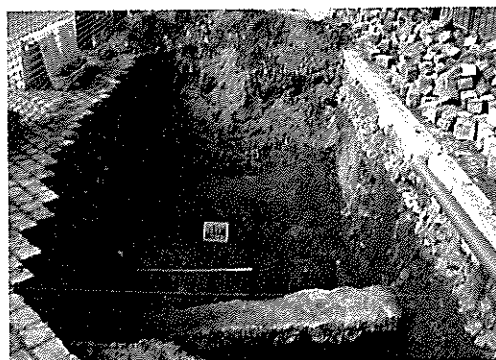


Figura 8 – Rua Gomes Palma. Sondagem 3. Enterramentos 11 a 17.



Figura 9 – Rua Gomes Palma. Sondagem 4. Enterramentos 18 e 20.



Figura 10 – Rua Gomes Palma. Sondagem 3. Enterramento 11.

cas das sepulturas, mas podemos considerar que se tratariam de fossas simples de inumação directamente abertas no solo.

Ambas as inumações apresentam características idênticas às observadas nos enterramentos da sondagem 1.

Na limpeza dos cortes foi detectada uma calote craniana pertencente a outro enterramento (Ent. 10) que não foi escavado por a vala não interferir com a sua preservação, sendo apenas georeferenciado e protegido com geotêxtil. O mesmo sucedeu com um conjunto de ossos muito fragmentados que se encontravam misturados com os níveis de preparação da calçada (Ferreira, 2007a: 10, 11).

2.4. Rua Gomes Palma

No prosseguimento da abertura de valas na Rua Gomes Palma foi possível detectar novo núcleo, onde as realidades arqueológicas se encontravam gravemente afectadas pela destruição causada por diversas obras aí realizadas.

Foram intervencionados mais 7 indivíduos na sondagem 3 e 2 na sondagem 4, localizada a apenas 8 metros da anterior (Fig. 8 e 9). É também de destacar a descoberta de uma sepultura de características bastante distintas nesta última sondagem, relacionada com a ocupação romana da cidade e que revela a sobreposição de espaços sepulcrais de períodos distintos.

O conjunto osteológico recuperado na sondagem 3 afigura-se muito incompleto devido a destruições anteriores provocadas pela abertura de valas. Os enterramentos 11 e 12 eram os que apresentavam melhores condições de preservação apesar de estarem cortados em ambas as extremidades da sepultura (Fig 10). Dos restantes enterramentos (Ent. 13 a 17) apenas foi possível recuperar escassos fragmentos ósseos (Ferreira, 2007b).

Também na sondagem 4 a situação era bastante similar, com os dois enterramentos (Ent. 18 e 20) detectados a mostrarem sinais da destruição causada pela acção humana. No caso do enterramento 18 (Fig. 11), registava-se o corte ao nível dos ombros e ao nível dos pés, enquanto que no enterramento 20 apenas se recuperaram alguns fragmentos dos fémures e da rótula esquerda (Ferreira, 2007c). O Enterramento 19 reporta-se a outro período cronológico e não será aqui abordado.

As restantes informações obtidas neste núcleo remetem para a mesma realidade identificada nas sondagens 1 e 2, ou seja, a orientação dos corpos, o tratamento do cadáver, a tipologia das sepulturas e a ausência de espólio fúnebre.

Na restante intervenção nesta rua não se detectaram vestígios que permitissem observar a continuidade da necrópole.

3. ANÁLISE ARQUEOLÓGICA E ANTROPOLÓGICA

As informações recuperadas com a escavação deste conjunto de enterramentos ficaram desde logo muito condicionadas com o estado de preservação do material

osteológico, com as destruições que truncaram estas realidades e com a natureza da intervenção que se confinava ao espaço das valas da obra.

Uma das limitações mais óbvias refere-se às considerações que possamos tecer sobre a organização do espaço sepulcral do qual possuímos uma visão muito fragmentada.

Não é de todo viável lançar aqui afirmações muito definitivas sobre os limites, extensão e características de ocupação da necrópole islâmica de Beja uma vez que várias dúvidas nos surgem de imediato.

A detecção de três núcleos com alguma distância entre si poderia desde logo apontar para uma forma de organização multinuclear, mas teremos de ter em atenção que a inexistência de outros enterramentos poderá antes dever-se a factores que conduziram à sua total destruição e não com qualquer forma de organização premeditada (Serra, 2009: 650).

Também não podemos pretender que a extensão da necrópole se restrinja aos núcleos detectados, uma vez que será de supor a sua continuação para outros arruamentos nos quais não existe qualquer informação arqueológica. Será no entanto de propor como limites máximos a sondagem 4 na Rua Gomes Palma (limite Oeste) e a sondagem 1 na Rua de Mértola (limite Este), pelo menos até novos dados nos permitirem uma revisão destas afirmações. Sobre o limite Sul não o poderemos indicar de forma segura, apesar da recolha de algumas informações orais acerca da existência de esqueletos na zona da actual Escola Secundária de Diogo Gouveia (confirmados por intervenções recentes). O limite Norte deverá ficar estabelecido pelo paralelo traçado pela Rua Capitão João Francisco de Sousa que acompanha as muralhas medievais da cidade.

A topografia funerária também é algo limitada pelo facto de apenas termos uma visão sobre uma pequena parte do que terá sido o espaço total ocupado pela necrópole, mas podemos observar algumas características. Apesar de actualmente toda esta área se encontrar urbanizada, é notório que se trata de uma zona de vasta

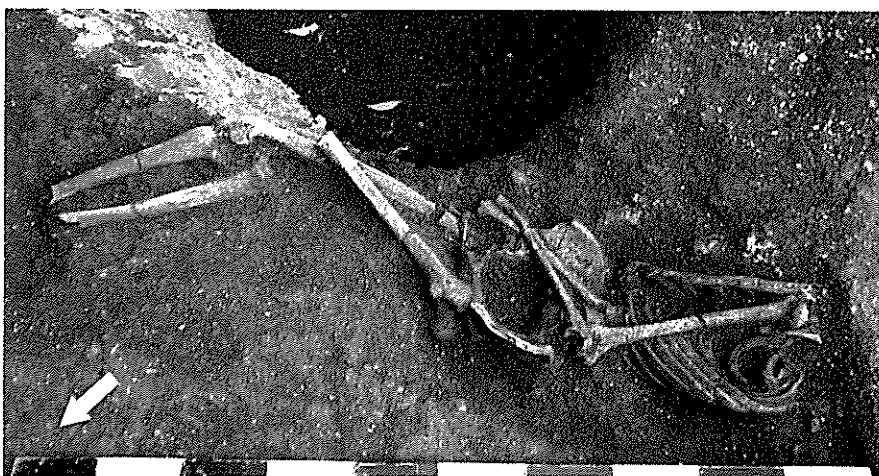


Figura 11 – Rua Gomes Palma. Sondagem 4. Enterramento 18.

encosta suave com ligeira subida de cotas no sentido Sudeste – Noroeste, portanto completamente virada e exposta a Sudeste tal como a orientação das faces dos indivíduos inumados.

Sobre as práticas funerárias podemos caracterizar esta necrópole como bastante homogénea apesar de algumas incertezas motivadas por contextos muito destruídos.

Foi possível confirmar que as sepulturas eram todas individuais, sem qualquer espólio e abertas em fossa simples, apenas com a diferença que 11 foram directamente escavadas no solo e 7 sobre um piso anterior em *opus signinum*. Sobre o enterramento 10 não foi possível obter dados concretos, pois como já foi mencionado, este não foi escavado.

Todos os enterramentos obedecem à mesma orientação, com o corpo depositado em decúbito lateral direito, crânio sobre a face direita virada para Sudeste, pernas ligeiramente flectidas e as mãos na zona púbica. Estas são no entanto considerações generalistas tendo em conta que em muitos casos os enterramentos não se apresentavam completos.

A deposição das peças ósseas sugere que a decomposição terá decorrido em espaço fechado, provavelmente envoltos em sudário (Ferreira e Furtado, 2008: 17).

O mau estado de conservação de alguns esqueletos limitou a escolha de material ósseo enviado para datação por radiocarbono, razão pela qual apenas foi possível datar um esqueleto, o que nos limita na atribuição cronológica segura a todo o conjunto, apesar da sua uniformidade.

A datação obtida no Laboratório de Datação por Radiocarbono do Instituto Tecnológico e Nuclear em Sacavém foi realizada sobre ossos do enterramento 18 e permite situá-lo entre o século X e inícios do século XI (Tabela 1).

O facto da intervenção nesta necrópole ter sido efectuada em contexto de emergência não

impediu a possibilidade de realização de análises antropológicas laboratoriais, elemento essencial para o conhecimento do perfil biológico de cada indivíduo e do perfil demográfico e sanitário da população exumada³.

Da análise paleodemográfica constatou-se que dos 18 indivíduos referenciados 14 são adultos e 4 não adultos. Quanto à idade dos indivíduos adultos, 2 estão na faixa etária entre os 20 a 30 anos, 5 teriam entre 30 a 40 anos e 1 entre 40 a 50 anos. Nos restantes 6 não foi possível determinar a respectiva idade à morte.



Figura 12 – Enterramento 6. Corrente hiperostótica sobre o flanco ântero-lateral direito da 10ª vértebra torácica à 3ª vértebra lombar, compatível com um diagnóstico de hiperostose idiopática difusa (HID).

Ref. do Laboratório	Ref. da amostra	Tipo	$\delta^{13}C$ (‰)	Idade (anos BP)	Data calibrada
SAC-2433	EMAS Ent. 18	Ossos humanos (colagénio)	-20,0	1060±35	*

* Tabela 1

* Ao calibrar a data obtida fazendo uso do programa CALIB 5.0.1 (Stuiver e Reimer, 1993, *Radiocarbon*, 35: 213-230) e com base na curva IntCal04.14C (Reimer *et al.*, 2004, *Radiocarbon*, 46: 1029-1058), obtêm-se os seguintes dados:

– para 1 sigma: 903-914 cal AD (0,121021); 969-1019 cal AD (0,878979).

– para 2 sigma: 895-926 cal AD (0,189118); 939-1024 cal AD (0,810882)

Dos 4 indivíduos não adultos, 3 teriam idades compreendidas entre os 3-4 anos e outro entre 7-9 anos.

Em termos de diagnose sexual observou-se a presença de 6 indivíduos do sexo masculino, 1 do sexo feminino e 7 indeterminados.

Em relação à morfometria, verificou-se que o grupo de indivíduos apresenta uma estrutura óssea relativamente robusta e algum dimorfismo sexual, com os homens a atingirem uma estatura média de 167 cm e a mulher com 156 cm de altura, bastante grácil na sua estrutura óssea.

Quanto aos caracteres não métricos, foi possível observar no Enterramento 1 dois caracteres discretos nos dentes: a raiz dupla e a coroa em forma de «*peg shaped*».

Ao nível da patologia infantil observou-se que o Enterramento 7 mostra microporosidades em várias peças ósseas cujo tipo e localização são compatíveis com um diagnóstico de síndrome cribrosa.

No Enterramento 17 também foi observada uma microporosidade na zona da tuberosidade gluteal de ambos os fémures, cribra femoral simétrica, que poderá também estar relacionada com a síndrome cribrosa. A etiologia desta síndrome prende-se com défices de magnésio associados a carências nutricionais. Os problemas ocorridos durante o crescimento destes indivíduos estão também marcados nos seus dentes na forma de hipoplasias lineares do esmalte dentário.

No que concerne a patologia degenerativa articular, a que mais frequentemente afecta as populações do passado, tendeu a ser ligeira, com excepção do indivíduo do Enterramento 6.

A observação das zonas de inserção musculares (patologia degenerativa não articular) revelou que o indivíduo teria um certo esforço físico no seu dia-a-dia. Neste enterramento foram ainda observadas outras patologias: anquilose e erosão nos ossos das mãos, fusão dos corpos vertebrais, fusão das apófises articulares vertebrais, formação de osso novo reaccional em locais de zonas de inserção tendinosas e lesões nas vértebras torácicas associadas a hiperostose idiopática difusa (Fig. 12).

Também na patologia oral os resultados são abundantes. De salientar o desgaste dentário indicativo de uma alimentação relativamente abrasiva e a grande incidência

de cáries. Os pequenos depósitos de tártaro observados nesta série de Beja poderão estar subrepresentados, pois é comum caírem por acção tafonómica. De realçar o caso do indivíduo do Enterramento 6, com doença periodontal e consequente regressão alveolar que expõem as raízes dos dentes, tornando-as mais susceptíveis aos agentes infecciosos (Fig. 13).

De modo resumido, pode-se afirmar que na análise da patologia dentária, constatou-se um desgaste dentário geral de grau médio a severo, a presença de depósitos de tártaro e de várias cáries, de granulomas periapicais, de um abscesso e de doença periodontal. Estes dados insinuam a ausência de higiene oral e tratamentos dentários e incluíam alimentos ricos em hidratos de carbono e doces nas suas dietas.

Em relação à patologia congénita, foi observada a ausência dos terceiros molares no indivíduo do Enterramento 1 e no Enterramento 7 confirmou-se que o dente decíduo supranumerário (hiperdontia) também se refere a um caso de defeito congénito.

Em suma, podemos considerar que o reduzido número de indivíduos da amostra, recolhida nesta intervenção, não permite um carácter suficientemente representativo da população viva. É também de destacar a existência de casos patológicos de interesse científico que podem ser observados nos Enterramentos 6 e 7.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de Beja no início da islamização já foi amplamente debatida (Sida-rus, 1996; Marin, 2001; Macias, 2005a: 34) apesar da escassez de elementos arqueológicos que nos permitam conhecer de modo preciso a evolução da sua ocupação (Macias, 2005a: 35).

As dificuldades do estudo da Beja Islâmica centram-se na ausência de trabalhos arqueológicos sistemáticos no centro histórico (*Idem*, 2005a: 105), no entanto algumas hipóteses sobre a sua dinâmica urbana têm sido lançadas na expectativa de uma futura confirmação.

A dimensão de Beja islâmica é estimada em cerca de 11 hectares (*Ibidem*, 2005a: 139) correspondentes *grosso modo* ao limite definido pelo pano Sudoeste da muralha e pelo eixo entre o Castelo e o Largo dos Duques de Beja, mas a insegurança das informações existentes levou a que fossem propostas alternativas que sugerem o acantonamento da população no ponto mais alto o que terá conduzido à criação de espaços vazios na restante área urbana que poderia ainda possuir os limites da cidade da Antiguidade Tardia (Macias e Fernandes, 2008).

Do espaço interno poucos elementos existem que nos possibilitem uma visão clara do seu urbanismo, que em parte deverá ser herdeiro de épocas anteriores. Alguns autores destacam uma série de locais cruciais para o conhecimento da Beja islâmica, como a Praça da República, Castelo, Igreja de Santa Maria, antiga Igreja de São João Baptista (Macias e Fernandes, 2008), às quais se deve acrescentar a

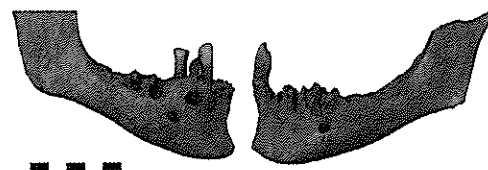


Figura 13 – Enterramento 6. Mandíbula onde é possível observar a regressão alveolar acentuada. Norma lateral direita: 1º pré-molar inferior direito com uma grande cárie e onde foi detectado um quisto periapical. Norma lateral esquerda: região do 2º pré-molar inferior esquerdo onde foi detectada uma lesão periapical, um abscesso, que se encontrava em processo de remodelação.

área onde se desenvolvia a necrópole agora descoberta.

Um dos principais equipamentos urbanos que sabemos encontrar-se em perfeito estado no século X, são as muralhas (Macias, 2005b: 815), o que se reveste de grande importância para a delimitação da necrópole ao longo do troço Sul.

Outro dado a ter em conta é o facto de não se conhecerem inscrições anteriores ao século XI, tal como sucede para todo o *Gharb* (Borges, 1989: 1-4; Macias, 2005b: 819), o que poderá indicar que as epígrafes de Beja poderão não estar associadas a esta necrópole, mas a outra situada entre o Largo dos Duques de Beja e o Largo de Santa Maria (Macias, 2005a: 141).

Os dados que possuímos sobre contextos ou materiais islâmicos documentados em escavações arqueológicas na cidade de Beja

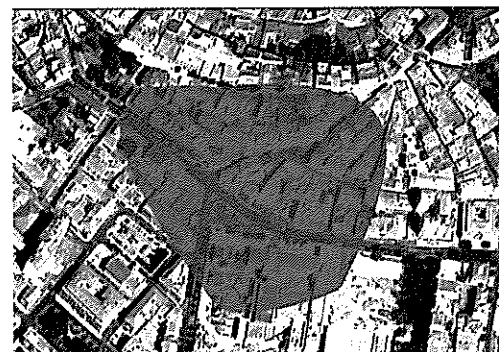


Figura 14 – Extensão hipotética da necrópole.

são algo dispersos impedindo uma visão global sobre a ocupação efectiva deste período.

Na Praça da República, alvo de trabalhos no âmbito do Programa Polis, apenas conhecemos referências a uma fossa com materiais islâmicos (Pinto, 2007: 523) e um candil datado do século X-XI proveniente de níveis de revolvimento (*Idem*, 2007: 528).

Em local próximo conhecemos mais dados, apesar de tardar a sua publicação exaustiva. Referimo-nos ao Logradouro do Conservatório Regional do Baixo Alentejo onde foram detetadas fossas islâmicas (Lopes, 2003: 154) contendo materiais pré califais e califais inéditos (Macias, 2005a: 103). Este local afirma-se como preferencial para o conhecimento do período islâmico por aí se desenvolverem escavações sistemáticas numa vasta área em pleno centro histórico.

Na Praça de Armas do Castelo foram detetados outros importantes elementos como uma possível muralha islâmica, um conjunto de estruturas e uma forja (Lopes, 2003: 160, 161), assinalando-se a presença de materiais do século XI-XII (Macias, 2005a: 144).

Também na Rua do Sembrano, onde se desenvolveram escavações ao longo de vários anos, conhecemos a existência de materiais do século XI-XII (*Idem*, 2005a:143).

Outros locais do centro histórico revelam dados de interesse, mas provenientes de trabalhos menos abrangentes ou de difícil comprovação por se referirem a intervenções antigas. São os casos do Hospital da Misericórdia onde se detectou um interessante conjunto de materiais do século XII (Correia, 1991; Macias, 2005a: 144), o Largo de Santa Maria onde se assinalam materiais islâmicos (Lopes, 2003: 179) e enterramentos sem atribuição cronológica segura (Viana, 1946: 178; Macias, 2005a: 141) ou a Pousada de São Francisco com um reduzido conjunto de materiais dos séculos XI-XII (Lopes, 2003: 168).

Para além destas informações, surgem ainda alguns achados casuísticos referentes sobretudo a epígrafes, num total de 6, das quais 4 datadas do século XI e XII (Borges, 1989; Macias, 2005a: 140) e vários elementos arquitectónicos (Macias, 2005a: 137).

Recentemente trabalhos arqueológicos preventivos na Escola Secundária Diogo Gouveia permitiram um grande contributo sobre o período islâmico em Beja com a escavação de mais de duas centenas de enterramentos islâmicos, para além de outros atribuídos ao período medieval cristão (Gomes e Santos, 2010). A existência de tão grande concentração de enterramentos islâmicos neste local, permite desde logo redefinir a extensão proposta para a necrópole (Fig. 14).

Na *kura* de Beja são apenas conhecidas três necrópoles que foram alvo de escavações arqueológicas. Para além da necrópole aqui mencionada, deveria existir outra em Beja ainda a necessitar de confirmação arqueológica (Macias, 2005a: 141). As outras situam-se em Moura (Borges e Macias, 1992) e Mértola, sem dúvida a melhor conhecida (McMillan, 1997; Le Bars, 2005; Le Bars, 2007; Macias, 2005a). As outras têm apenas indícios indirectos da sua existência, como a presença de lápides, em Noudar, Serpa e Castro da Cola (Macias, 2005a: 120; Macias, 2008). Para além destas, existem outras relacionadas com pequenas ocupações rurais ou aglomerados secundários como demonstrado nas recentes intervenções em Xancra II (Brazuna e Godinho, 2010) e Ribeira de São Domingos 1 (Miguel e Godinho, 2010).

Perante este cenário será expectável que a escavação desta necrópole em Beja prossiga em futuros trabalhos e se afirme de modo indelével para o conhecimento das populações e dos espaços ocupados durante o período islâmico.

O sucesso da investigação arqueológica destes contextos imbrica necessariamente na capacidade de transmitir o conhecimento produzido ao público de modo a criar mecanismos de responsabilidade social que influam directamente na forma como se actua sobre o património, garantido a sua salvaguarda e protecção. Desta forma assinalam-se as iniciativas já produzidas quer a nível da exposição dos dados obtidos (Serra *et al.*, no prelo), quer na produção de informação direccionada ao público em geral (Serra, 2007).

BIBLIOGRAFIA

- BORGES, A. G. M. (1989), As Inscrições Lapidares Árabes do Museu de Beja, *Arqueologia*, 20, Porto: pp. 98-109.
- BORGES, A. G. M. e MACIAS, S. (1992), Almocavar de Moura, Localização e Epigrafia. *Arqueologia Medieval*, 1: pp. 65-69.
- BRAZUNA, S. e GODINHO, R. (2010), Xancra II (Cuba, Beja): resultados preliminares da necrópole islâmica. Comunicação apresentada ao 4º Colóquio de arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002-2010). EDIA, Beja, 24 a 26 de Fevereiro de 2010.
- CORREIA, F. B. (1991), Um conjunto de cerâmica árabe-medieval de Beja. *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola: pp. 373-386.
- CORREIA, S. (1994), Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano – área urbana de Beja. Cam-

- panhas de 1988 a 1990. *V Jornadas Arqueológicas*, vol. 1, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses: pp. 195-202.
- CRUBÉZY, E. (2000), L'étude des sépultures ou du monde des morts au monde des vivants. Ferdière, A. (dir.). *L'Archéologie Funéraire*. Paris. Collections Archéologiques. Editions Errance.
- FERREIRA, M. (2006), *Rua Portas de Mértola, Beja. Estudo de análise antropológica*. Relatório policopiado, Styx, Coimbra.
- FERREIRA, M. (2007a), *Rua de Mértola, Beja. Estudo de análise antropológica*. Relatório policopiado, Styx, Coimbra.
- FERREIRA, M. (2007b), *Rua Gomes Palma, Beja. Sondagem 3*. Relatório policopiado, Styx, Coimbra.
- FERREIRA, M. (2007c), *Rua Gomes Palma, Beja. Sondagem 4*. Relatório policopiado, Styx, Coimbra.
- FERREIRA, M. e FURTADO, M. (2008), *Necrópole Islâmica de Beja. Estudo de análise antropológica*. Relatório policopiado, Styx, Coimbra.
- GOMES, M. e SANTOS, R. (2010), Entre Mouros e Cristãos. Dados de uma intervenção de emergência na Escola Secundária Diogo Gouveia (Beja). Comunicação apresentada ao *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Câmara Municipal de Almodôvar, Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010.
- LE BARS, D. (2005), Étude Archeo-Anthropologique de la nécropole musulmane de Rossio do Carmo, Mértola: Bilan des fouilles anciennes (1981-1990). *Arqueologia Medieval*, 9: pp. 233-259.
- LE BARS, D. (2007), Intervenção de emergência na necrópole islâmica de Mértola (2005-2006). *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006, VIPASCA, 2, 2ª série: pp. 508-512.
- LOPES, M. C. (2003), *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca de Pax Iulia*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- MACIAS, S. (2005a), *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. 3 vols. Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S. (2005b), Islamização no território de Beja – reflexões para um debate, *Análise Social*, XXXIX (173): pp. 807-826.
- MACIAS, S. (2008), Necrópoles do Gharb Al-Andalus: ponto de situação. Comunicação apresentada ao *6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, 24 a 26 de Outubro de 2008.
- MACIAS, S. e FERNANDES, H. (2008), Beja islâmica – problemas de topografia. Comunicação apresentada ao *6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, 24 a 26 de Outubro de 2008.
- MARIN, M. (2001), Los ulemas de Beja; formación y desaparición de una elite urbana, in *Elites e Redes Clientelares na Idade Média* (ed. Filipe Themudo Barata), Évora, Edições Colibri/CIDEHUS: pp. 27-44.
- McMILLAN, G. (1997), A preliminary analysis of the paleochristian and islamic cemeteries of Rossio do Carmo, Mértola, Portugal, *Arqueologia Medieval*, 5: pp. 13-22.
- MIGUEL, L. e GODINHO, R. (2010), Ribeira de São Domingos 1 (Brinches, Serpa): resultados preliminares. Comunicação apresentada ao *4º Colóquio de arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002 – 2010)*. EDIA, Beja, 24 a 26 de Fevereiro de 2010.
- NEVES, M. J., FERREIRA, M. T., BASÍLIO, L., ALMEIDA, M., TAVARES, P. (no prelo), A escavação de necrópoles e recuperação de vestígios osteológicos humanos em contexto de emergência: questões de método e de princípio. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004.
- PINTO, M. A. (2007), Praça da República de Beja. *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006, VIPASCA, 2, 2ª série: pp. 519-530.
- SERRA, M. (2005), *Acompanhamento Arqueológico na Rua Capitão João Francisco de Sousa, 62 e 64, Beja*, Relatórios Palimpsesto, Coimbra, 2005.
- SERRA, M. (2007), Remodelação da rede pública de distribuição de água de Beja. Descobertas Arqueológicas, *A Gota, Boletim Informativo*, Edição n.º 2, Março 2007, EMAS Beja.
- SERRA, M. (2009), Necrópole Islâmica de Beja. Notícia preliminar da sua identificação, *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, 24 a 26 de Outubro de 2008, XELB 9: pp. 677-684.
- SERRA, M. (2010), Arqueologia urbana em Beja. Intervenção de salvaguarda na rede de abastecimento de água, *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Aracena, 27 a 29 de Novembro de 2008, Universidad de Huelva Publicaciones: pp. 1358-1373.
- SERRA, M., PORFÍRIO, E., MARQUES, J. N., BARBOSA, R. e VALINHO, A. (2007), Balanço das actividades da Palimpsesto, Lda. no Baixo Alentejo. *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006, VIPASCA, 2, 2ª série: pp. 698-702.
- SERRA, M., VALINHO, A., PORFÍRIO, E. e BARBOSA, R. (no prelo), Balanço das actividades da Palimpsesto, Lda. em 2009, *Al Madan*, 2ª série, n.º 17, 2010.
- SIDARUS, A. (1996), Assentamento árabe e primórdios do domínio islâmico em Beja (711-788), *Arquivo de Beja*, série III, vols. II/III: pp. 27-39.
- TORRES, C. e MACIAS, S. (1998) *O Legado Islâmico em Portugal*, Círculo de Leitores, Lisboa.
- VIANA, A. (1946), Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes. *Arquivo de Beja*, III: pp. 161-226.

NOTAS

- 1 A cargo da EMAS, EEM.
- 2 Participaram nestes trabalhos: Rui Barbosa, Eduardo Porfírio, João Nuno Marques, Nuno Silveira (Palimpsesto, Lda.) e Teresa Ferreira (Styx, Lda.).
- 3 Os dados apresentados baseiam-se no relatório antropológico (Ferreira e Furtado, 2008).